

**DISCURSOS PEDAGÓGICOS
E DIVERSIDADE CULTURAL**

Maria Margarida de Andrade(UPM)
guida17@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Pretende-se, neste trabalho, enfatizar a importância do discurso pedagógico como meio de produzir conhecimento e, simultaneamente, dar voz e valorizar as especificidades e trocas culturais.

Os diferentes usos da língua criam infinitas possibilidades discursivas para a comunicação, nas diversas esferas de atividades. Na esfera dos estudos linguísticos, o discurso representa uma sucessão ordenada de frases, configurando uma exposição metódica sobre determinado assunto.

Discurso pedagógico, resumidamente, significa os tipos de discursos que os professores utilizam para promover a transmissão do saber.

A tônica do ensino, sem dúvida, é o discurso didático (ou pedagógico), uma vez que o discurso falado ou escrito é a mola propulsora do desenvolvimento moral e intelectual.

Serão discutidos aqui alguns aspectos presentes no discurso pedagógico, elaborado para a transmissão do conhecimento, com ênfase na apropriação dos resultados produzidos pelo conhecimento científico, respeitando-se as diversidades culturais.

Orlandi (1983, p. 30) classifica o discurso pedagógico como autoritário, no entanto, há de se convir que o discurso pedagógico é um discurso institucional e reflete as relações institucionais das quais faz parte; se essas relações forem autoritárias, ele será autoritário. O seu “mal de raiz” é refletir a ordem social.

ENSINO DE LITERATURA

O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Uma das grandes preocupações dos professores, atualmente, tem sido como ajudar seus alunos a se apropriarem da cultura acumulada pela humanidade, não por meio da memorização, mas de maneira significativa e transformadora.

A finalidade do ensino é a transmissão e produção do saber, porém, esta meta não poderá ser alcançada sem o entendimento de um tipo de abordagem do processo educativo que desperta reflexões sobre conceitos, intenções, ações e efeitos, sejam eles previstos ou não previstos.

O professor, no seu papel de emissor do discurso pedagógico deve considerar as relações discursivas entre língua, ideologias e visões de mundo. É certo que uma prática discursiva depende da vontade do emissor, mas isto não é suficiente para que o conteúdo do discurso seja aceito, acolhido e difundido.

O discurso, de modo geral, pode ser considerado como um conjunto de enunciados que se articulam de diversos modos, entretanto, os enunciados são submetidos a regras e contextos diferentes. O enunciado é o tipo de ato discursivo que se separa dos contextos locais e dos significados triviais do dia-a-dia. O professor não pode limitar o seu discurso e as práticas pedagógicas geradoras de novas atitudes frente à realidade social e individual do aluno à reprodução sócio-cultural, mas deve estender-se à emancipação e transformação da realidade.

Os saberes do cotidiano, quando valorizados, contribuem, pela diversificação, para a descoberta de percursos diferentes na aquisição de conceitos, na elaboração de habilidades necessárias, na procura de novas formas de organizar as informações adquiridas.

Os docentes que procuram adotar uma abordagem mais complexa do conceito de educação, face à diversidade cultural, no dizer de Leite e Pacheco, 1997:

Deixam de ser objectos passivos, meros portadores de uma didática que transmite um pacote curricular que lhes foi fornecido, para se transformarem em agentes construtores de um currículo, alimentado por processos de pesquisa em que participam.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A escola não é fechada aos conflitos, às diversidades e às contradições da sociedade. Considerando-se o “mosaico de culturas” presente na escola, as propostas educativas são diversas, mas frequentemente misturadas. Leite e Pacheco asseguram:

É necessário ver as escolas como locais sociais contraditórios, marcados por luta e acomodação, e, simultaneamente, propiciadores de espaço para o ensino, o conhecimento e práticas sociais emancipatórias.

Não se cogita, neste trabalho, abordar a problemática das políticas educacionais que parecem pretender padronizar o ensino do ponto de vista de uma cultura-padrão com seus reflexos sobre o trabalho docente, constantemente estrangido pelos imperativos e conveniências econômicas. Com toda a razão, Hipólito e Vieira (2002, p. 280) afirmam que os professores são envolvidos nas contradições existentes nas lutas sociais e políticas de negação ou afirmação das culturas das minorias e de diferentes grupos étnico-raciais, relacionadas com as classes sociais.

A IDENTIDADE DOCENTE

Abordar o tema da identidade docente, face à heterogeneidade da categoria não é uma tarefa das mais fáceis, porém, seria útil lembrar que essa heterogeneidade decorre da instabilidade das identidades no mundo atual.

Uma característica comum a todos os representantes da categoria docente é que *todos se dedicam ao ensino*. O trabalho docente, em seus vários aspectos, pode ter ficado mais complexo atualmente; pois, entre outros fatores, os docentes são oprimidos pela pressão do auto-gerenciamento, restrições de tempo, turmas maiores e ingerência de outros sobre o seu trabalho. Decorre daí o fato de se transformar em uma autoridade despersonalizada – a docência de resultados confundida com profissionalismo.

Há de se distinguir o profissionalismo restrito do profissionalismo extensivo. No primeiro caso, as habilidades docentes derivam da experiência: os acontecimentos da sala de aula são encarados isoladamente; as metodologias são decisões do profissional; a autonomia individual é super-valorizada. Em contrapartida, não se valorizam atividades profissionais que não sejam diretamente relacionadas

ENSINO DE LITERATURA

ao ensino, tais como leituras de formação político-profissional ou participação em atividades de formação que não sejam cursos “práticos” direcionados a um *saber-fazer*. Em suma, o ensino tende a ser visto como intuitivo por natureza ou por vocação.

No profissionalismo extensivo, as habilidades docentes decorrem da mediação entre teoria e experiência; a perspectiva docente ultrapassa o âmbito da sala de aula para alcançar um contexto social mais amplo. A sala de aula é percebida com relação a outros acontecimentos da escola; as metodologias de trabalho são resultantes da troca de experiências com a comunidade docente; atividades extra-sala de aula, como literatura da área ou atividades de formação profissional são valorizadas. O ensino é visto como atividade racional, mais que intuitiva.

Nas últimas décadas, de acordo com os discursos educacionais, os professores são apontados como os responsáveis pelo fracasso do sistema escolar público e pelo insucesso dos alunos. Contudo, as identidades docentes não se restringem ao que os discursos oficiais dizem que elas são. Professores são mais que formadores de cidadãos, como querem as políticas curriculares oficiais; constroem suas identidades em meio a um conjunto de variáveis como a história familiar e pessoal, as condições de trabalho e ocupacionais, os discursos, que de algum modo falam do que são e de suas funções.

Os modelos de profissionalismo podem contribuir para a melhor compreensão das implicações das reformas sobre o cotidiano escolar e a identidade profissional dos docentes, mas não podem ser tomados de forma pura e excludente, pois não há modelos fixos. Pode-se afirmar seguramente, com Hipólito (1999, p. 98-99) que “Profissionalismo tem que significar a melhoria do trabalho profissional, mas também a melhoria da qualidade social do ensino.”

DIVERSIDADE CULTURAL

A globalização e as recentes mudanças econômicas globais têm afetado o trabalho docente, tornando-o muito mais complexo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Diversidade cultural inclui as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como linguagem, vestimentas, tradições, gênero, etnia, credo religioso, artes, costumes.

A diversidade cultural valoriza a compreensão e o respeito mútuo, essenciais em uma sociedade multicultural e permite à sociedade buscar diferentes abordagens para resolver seus problemas.

Na opinião de Robinson (1977, p. 19): “Pessoas confinadas a uma só cultura costumam ter grande dificuldade em conceitualizar outras culturas, salvo em termos de desvios da sua própria.”

A escola é, por excelência, um espaço de socialização e de inclusão cultural, onde professores e alunos estabelecem um compromisso que se baseia na coesão social. Esses princípios, de socialização e de inclusão, integrados aos conteúdos de cada disciplina, referem-se ao conhecimento e respeito por todas as culturas.

Os “diferentes” devem ser integrados como iguais na escola, pois só assim se consegue o equilíbrio entre alunos de origens diversas.

Os projetos curriculares deveriam ser fruto do reconhecimento da cultura de cada indivíduo, num apelo à aceitação da cultura do outro, procurando conciliar culturas em confronto e identidades sociais diferentes.

Urge promover a construção de uma educação e de uma pedagogia que respeite a diversidade humana, admitindo culturas, modos de ser, agir e sentir diferenciados. Uma escola visceralmente comprometida com o respeito às diferenças, com a transformação, com a alteridade.

ESCOLA E MULTICULTURALISMO

Durante muito tempo a diversidade cultural foi simplesmente ignorada na escola, que levava em conta a existência de apenas uma única cultura. Mas a escola é um espaço fundamentalmente da diferença, da diversidade e, simultaneamente, de encontros, conflitos, debates, possibilidades. O universo escolar é distinguido pela presença de pessoas que se apresentam com suas singularidades: dife-

ENSINO DE LITERATURA

rentes tamanhos, etnias, visões de mundo, modos de ser, de sentir e de sonhar...

Nos últimos tempos, devido a fenômenos migratórias e à crescente onda de globalização, o discurso do multiculturalismo foi introduzido também no ambiente escolar. No nosso país, a diversidade étnica e cultural ainda não é levada a sério no cotidiano das escolas, ou então é mal trabalhada, propiciando a disseminação de preconceitos e a criação de estereótipos.

Modernamente, vem ganhando evidência uma concepção de educação que faz a defesa da igualdade de oportunidades e da necessidade do conhecimento e respeito das especificidades culturais, consideradas como fonte de trocas e enriquecimento mútuo.

Ainda assim, prevalece, na sociedade atual, a idéia de que a escola adotou o papel de mera transmissora de informação, para atingir objetivos sem compromisso com uma formação humanista de qualidade, que se preocupa com o tipo de formação que está sendo oferecido e que tipo de cidadãos deseja formar.

A formação humanista resgata os valores e vê na escola uma esperança de mudança, na qual educador e educando são agentes de transformação, num processo dialógico e humanizador, que reconhece no diálogo a base da construção do conhecimento.

Na verdade, à escola cabe produzir *informação* e, sobretudo, *formação*, por meio do diálogo, respeitando a diversidade cultural. Bakhtin (1979, p. 109) diz:

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão umas das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.

Não basta, porém, empregar a forma dialógica no discurso pedagógico; é imprescindível que o discurso seja adaptado ao contexto, pois segundo Bakhtin (1979, p. 91) “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto.”

Por meio de uma prática intermediada pelo diálogo e pela valorização da cultura do aluno pode-se chegar a um plano inovador e transformador da educação em geral e da escola em particular. A es-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cola é concebida como instrumento de transformação e libertação e, para que isto ocorra, a deverá se transformar em espaço de construção e de criação do conhecimento e não de simples reprodução.

Essa transformação poderá se realizar por intermédio de uma série de questões a serem introduzidas no espaço escolar, como o conceito de cidadãos e de sociedade que a escola deseja formar, contrariando a idéia de que hoje a escola está formando para atender às necessidades da sociedade moderna. Segundo Nery (2005);

Para que essa prática aconteça é necessária a valorização da diversidade cultural, o respeito ao outro, tudo isso se dá através do diálogo, da conscientização e politização dos educandos, no sentido de identificá-los como agente histórico e crítico da sociedade.

CONCLUSÕES

Cada grupo social se identifica por sua cultura, suas tradições e valores e isto deve ser respeitado na escola.

A escola, a despeito de tudo, ainda é uma instituição do mundo Ocidental, contudo, precisa abrir mão da idéia hegemônica do mundo cultural ocidental e suas idéias de individualismo, liberalismo e refletir melhor suas concepções de educação, formação e informação, cultura e diálogo, e outros problemas presentes nas instituições educacionais.

Formas coletivas de expressar os discursos pedagógicos que considerem os saberes docentes teóricos e práticos e que, ao mesmo tempo, considerem os aspectos do multiculturalismo na comunidade escolar podem ser construídas.

Lamentavelmente, ao que tudo indica, a reforma educacional tem pouco a ver com questões propriamente educacionais e muito mais com a busca de uma nova governabilidade da Educação pública.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Prefácio de Roman Jakobson, Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.

ENSINO DE LITERATURA

GARCIA, M. M. Alves; HIPÓLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. *As identidades docentes como fabricação da ciência*. EDUCAÇÃO E PESQUISA, São Paulo, v. 31, n. 1, 2005. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 08-07-2008.

HALLS, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HIPÓLITO, A. M. *Trabalho docente e profissionalização: sonho prometido ou sonho negado? Desmistificando a profissionalização do magistério*. Campinas: Papyrus, 1999.

HIPÓLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. Reestruturação educativa e trabalho docente: autonomia, contestação e controle. In: HIPÓLITO, A. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A. *Trabalho docente: formação e identidades*. Pelotas: Selva Publicações, 2002.

LEITE, C.; PACHECO, N. *Os dispositivos pedagógicos na educação inter/multicultural*. Disponível em www.fpce.up.pt/sigarra.up.pt. Acesso em 08-07-2008

NERY, F. M. T. DE M. A escola hoje: formação, informação, diálogo e diversidade cultural. *Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire*. Recife, 10 a 22 de setembro, 2005. Disponível em: www.paulofreire.org.br/pdf/comunicacoes_orais/ Acesso: 15-08-08.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ROBINSON, W. P. *Linguagem e comportamento social*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROQUE-FARIA, H.; DIAS, M. P. L. (orgs.). *Cultura e identidade: Discursos*. Cáceres: UNIMAT, 2007.